



APARÊNCIA TRAVESTI: REDESENHO, COMPORTAMENTO E VESTIMENTA

Caroline Barreto de Lima.
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana,
Departamento de Letras e Artes.
jahcarol@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho propõe uma documentação dos modos de construção da aparência entre o grupo de travestis da Cidade do Salvador, que se reúnem na sede do Grupo Gay da Bahia (GGB), compondo a Associação das Travestis de Salvador (ATRAS). Esta proposta se empreende como uma maneira de estreitar a relação do desenho, enquanto registro e linguagem, com os estudos pertinentes à moda. Visa-se a compreender a estética travesti sob a égide da dinâmica da moda, que expressa numa imagem modos de pensar, ser e agir construídos socialmente. Tal imagem é redefinida por elas através do redesenho, quando modificam sua estrutura formal a partir de aparatos vestimentares, ingestão de hormônios, incisões corporais e maquiagem, dentre outras práticas. Para compreensão da expressão visual/sexual do grupo em questão, entende-se o desenho como uma estrutura complexa de registro da interioridade, manifesta na exterioridade de um indivíduo, e compreende-se a ação como parte da estruturação da forma.

Palavras-chave: moda, redesenho, travestis.

ABSTRACT

This paper presents informations from the research that is being developed for a Master Degree in Drawing, Culture and Interactivity. Discussing about some processes of Redesign, the Fashion theories are applied here in the scope of the individual expression, of the appearances construction and the intervention processes at clothes or bodies. To study how some brazilian transgendered persons intervenes at his bodies and clothes in order to create a corresponding image to his personal or professional intentions is the analysis objective.

Word-key: fashion, redesign, cross dressing, transgender.

1 Introdução

O presente trabalho propõe uma documentação dos modos de construção da aparência dentre o grupo de Travestis da Cidade do Salvador na Bahia, que se reúnem regularmente na sede do Grupo Gay da Bahia (GGB), compondo a Associação das Travestis de Salvador (ATRAS). Faremos aqui breves considerações acerca da pesquisa que está sendo desenvolvida no Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da UEFS, para escrita da dissertação intitulada: *“Moda e Expressão Sexual: o vestir como desenho e registro de uma mulher idealizada.”*

Debatendo em torno das relações entre o universo cultural de um sujeito e os domínios estéticos da Moda, trataremos dos modos de construção da Aparência dentre o grupo de Travestis, buscando compreender as formas de organização simbólica das mesmas através do Redesenho de seus corpos, vestimenta, comportamento e ação.

O tema central dessa investigação sugere uma reflexão sobre os artifícios de construção da Aparência utilizados pelos indivíduos através do uso e da manipulação da Moda que, enquanto caráter de materialização do universo cultural de um sujeito, imprime em seus corpos um meio de expressão de suas características individuais e/ou paridades com o grupo no qual se insere.

Adotamos como substrato teórico deste trabalho: *Cultura*¹, *Moda*², *Desenho*³ e *Redesenho*⁴. Partindo destes conceitos, visa-se a compreender a estética Travesti sob a égide da dinâmica da Moda - que cristaliza numa imagem modos de pensar, ser e agir construídos socialmente - considerando como suporte de expressão e registro dessa relação a sua Aparência, caracterizada pelo Desenho de suas formas corporais, vestimenta e ação agindo em conjunto. Para compreensão da expressão visual/sexual do grupo em questão, faz-se necessário entender o Desenho como uma estrutura complexa de registro da interioridade, manifesta na exterioridade de um indivíduo, e compreende-se a ação como parte da estruturação da forma, trazendo o Redesenho como um processo de reestruturação do todo.

Tomamos como “ser Travesti” nessa especulação, o indivíduo do sexo biológico masculino que incorpora características físicas do ser feminino – seios, nádegas, lábios e maçãs do rosto arredondadas, aspecto dos cabelos, sobrancelhas etc. - adquiridas através de intervenções cirúrgicas e ingestão de hormônios, e que se veste e se porta de modo semelhante ao indivíduo do sexo feminino cultivando essa imagem cotidianamente, porém conservando o órgão sexual masculino. Observamos que este indivíduo não é uma Transexual que tem como diferença básica no modo como se relaciona com o seu órgão sexual masculino. Sendo diferente da Travesti - que utiliza o pênis em sua prática sexual - a Transexual opta

¹ SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

² LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³ GOMES, Luiz Vidal Negreiros. *Desenhismo*. Santa Maria – RS: editora da UFSM, 1996.

⁴ FERRARO, Lucrecia D' Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem e leitura*. São Paulo, Nobel, 1988.

quando possível, por modificar a genitália por meio da cirurgia de adequação de sexo.

2 Moda: aparência e liberdade individual

A Travesti nos aponta as possibilidades do ser humano se redesenhar por meio de artifícios incomuns a sua natureza biológica, que virão a produzir novos significados, tendo o seu universo cultural como alicerce de construção para as significações que compõem a sua apresentação visual, ou seja, é o universo feminino estabelecido pela cultura ocidental que servirá de repertório para construção da aparência feminina no corpo masculino da mesma.

Para balizar tal reflexão, encontramos em GEERTZ (1989) um conceito de cultura onde ele assume esta como as teias de significados tecidas pelo homem e defende que sua análise deve ser realizada não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significado. Dessa maneira, uma tentativa de interpretação e compreensão dos elementos constitutivos do universo cultural e assim das significações pertinentes à prática cotidiana desses sujeitos aqui se empreende.

Entendendo a Moda como: “um dispositivo social, caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva.” (LIPOVETSKY: 1989: 24), basearemos este estudo segundo as definições de Lipovetsky, aceitando um conceito de Moda fruto da quebra da tradição e do mimetismo coletivo na ordem das aparências, que resulta na individuação dos gostos, na apoteose da gratuidade estética, num plano de expressão da liberdade dos sujeitos, sendo esta a lógica constitutiva do universo das aparências como nos diz o autor. Por sua vez, DORFLES (1979) afirma que: “a moda não é apenas um dos mais importantes fenômenos sociais – e econômicos - do nosso tempo; é também um dos padrões mais seguros para medir as motivações psicológicas, psicanalíticas, socioeconômicas da humanidade.”.

Tanto a Moda como forma de auto-observação estética e marca de distinção singular defendida por LIPOVETSKY (1989), quanto a Moda que funciona para “diferenciar de algum modo o próprio eu do dos outros e desta maneira “personalizar” o seu corpo através de um elemento que “acrescente” algo à pura e simples naturalidade do corpo.” que nos fala DORFLES (1979), nos servem de base para compreensão da expressão visual da Travesti. Do mesmo modo, no que se refere à Aparência, temos GARCIA E MIRANDA (2005), que nos oferece uma grande contribuição, segundo afirma:

[...] “moda é conjunto atualizável dos modos de visibilidade que seres humanos assumem em se vestir com o intuito de gerenciar a aparência, mantendo-a ou alterando-a por meio de seus próprios corpos, dos adornos adicionados a eles e da atitude que integram ambos pela gestualidade, de forma a produzir sentido e assim interagir com o outro.” GARCIA E MIRANDA (2005: 18).

Ser, fazer e aparecer compõem a construção simbólica da Travesti, que tem na sua Aparência um suporte visível – um Desenho – da sua essência, como nos mostra CIDREIRA (2005), que afirma:

“Caluniam-se as aparências. Tomam-lhe invariavelmente por

enganadoras. Sob o pretexto de que elas não dizem sempre a verdade – o que é verdadeiro –, lhe acusam de mentir sem cessar, mas as aparências revelam mais frequentemente do que enganam. Elas não têm nada a esconder, porque estão inteiras no visível.” CIDREIRA (2005:17).

O elemento da Moda como constituinte da construção da Aparência e de uma rede de sentido, como nos apresenta CIDREIRA (2005) no capítulo *Moda e Significação* – onde nos aponta a importância de uma estética visual específica e singular na definição do indivíduo que o faz por meio da adoção de determinada constituição visual – nos é muito interessante aqui, no sentido de possibilitar a compreensão do comportamento e da ação da Travesti como um processo de Redesenho e redefinição não só de suas formas visuais e corporais, mas principalmente do seu “eu”.

3 Redesenho de si mesmo

Para constituição da imagem feminina, as Travestis num primeiro momento experimentam sobre seus corpos o vestuário e acessórios femininos, se utilizam de hormônios femininos que começam a reestruturar os seus corpos, fazendo desenvolver seios, mudança no timbre de voz e um delineamento sinuoso de sua estrutura física. Como meio de potencializar e gerar uma forma fixa – uma vez que o uso de hormônios deve ser contínuo e não gera efeitos tão evidentes – utiliza-se o silicone para modelar seios, quadris, rosto entre outras partes do corpo.

O conceito de Redesenho neste trabalho é um suporte essencial para compreensão dos procedimentos de redefinição da Aparência no grupo de Travestis. Interferindo no Desenho biológico do seu corpo, que emana características masculinas, as Travestis atuam num processo de estudo e recomposição deste corpo que, naturalmente, já apresenta um Desenho que o identifica enquanto gênero e etnia, dentre outras características físicas. A prática do Redesenho dentre o grupo de Travestis provavelmente não parte de um processo técnico de desenho ou projeto. Não obstante, a perspectiva de formação da Aparência feminina da Travesti é fruto de uma minuciosa análise das formas e trejeitos femininos para que, partindo dessa observação, a sua ação possa ser construída, mesmo que de um modo diverso ao comportamento e ao visual da mulher biológica.

A prática do Redesenho define uma nova forma a partir de um Desenho preexistente, nessa prática existe uma vivência concomitante das características iniciais, em atuação com a nova configuração. O Redesenho pressupõe uma análise das formas existentes para que novas características sejam adicionadas à mesma partindo de um estudo das partes e do todo simultaneamente, produzindo assim uma nova forma, uma diferente criação. No caso da Travesti, tal Redesenho se define num processo de recomposição da forma, uma vez que a sua estrutura corporal inicial não é decomposta, mas recomposta por meio da adição de contornos femininos sobre a mesma. A modelagem do corpo da Travesti produz uma imagem feminina ao mesmo tempo em que mantém viva certas características masculinas inevitavelmente. Uma vez partindo de um corpo masculino, as características femininas adicionadas a este resultarão numa ação em conjunto, que é exatamente o que caracteriza o

grupo em questão.

Como modo de compreensão do conceito de Redesenho, buscamos FERRARO (1988), a autora volta suas teorizações para a área de arquitetura, tratando dos processos de reestruturação do ambiente urbano e de práticas como a restauração, o redesenho de cidades entre outras. Suas reflexões sobre o redesenho de cidades podem aqui nos interessar por analogia, uma vez que este processo também se inicia por meio de um desenho pré-existente para produção de um novo ambiente e por isso deve também partir, segundo propõe a autora, de um estudo da situação inicial para que assim sejam adicionadas novas estruturas ao ambiente urbano. No que toca ao conceito de Redesenho aqui proposto, a autora contribui quando em sua teorização declara que o redesenho supõe uma distância do sentido original pela modificação contextual que todo redesenho traz como consequência, ao passo em que implica um movimento concomitante para trás e para frente mantendo em conjunto características do desenho original e da nova constituição simultaneamente.

Partindo dessa exposição, chegamos ao estudo em questão onde o passado e o presente, a igualdade e a diferença, o feminino e o masculino, convivem de modo conjunto e assim constroem o desenho visual da Travesti. A criação de um Desenho a partir de outro, como um processo de reestruturação de idéias, atitudes e comportamento, nos faz chegar a uma noção de Desenho abrangente a ponto de aceitar a ação como parte da estruturação da forma. Uma vez que a roupa se define como tal a partir do corpo que a utiliza - sendo o inverso também verdadeiro - esse conjunto gera a aparência, que por sua vez, se compõe a partir de tais elementos postos em ação. Logo, para se compreender a expressão visual/sexual do grupo em questão, é necessário entender o Desenho como uma estrutura complexa de registro da interioridade, manifesta na exterioridade de um indivíduo.

Para além do desenho gráfico temos outras estruturas também caracterizadas e compreendidas como Desenho, a partir do momento em que sua imagem gera formas, linhas, pontos, planos ou cores que possam referenciar uma idéia e materializá-la. Para GOMES (1996) "O desenho é uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos.". Essa afirmação mostra a pluralidade do uso do desenho gráfico, embora possamos relacioná-la também à multiplicidade de estruturas em que o Desenho se expressa. O autor nos fala que o estudo do Desenho é de fundamental importância para a compreensão de aspectos da cultura material, e em particular, da influência desta sobre a cultura das idéias e a do comportamento de um povo. Assim, temos aqui um estudo de Desenho cujo desenvolvimento interage com tais compreensões e procura se estabelecer como elemento aglutinador de todos estes aspectos.

Por meio do estudo do Desenho enquanto registro e em específico tratando do Desenho Visual definido por GOMES (1996) - que consiste no desenho gerado pela aparência humana ou por uma construção de imagem em determinado ambiente, como o cenário de um espetáculo teatral em ação com o figurino entre outros elementos - este estudo vem a traçar uma linha relacional entre as teorias de Moda e Redesenho com a expressão visual desse

grupo, a fim de compreender os parâmetros que as fazem agir de determinada forma no tocante ao processo de organização simbólica das mesmas, diante dos itens vestimentares, acessórios, aparatos cosméticos, incisões cirúrgicas e outras ações e objetos pertinentes ao universo feminino no Ocidente.

3.1 Travestilidade

A Travesti se põe na discussão que aproxima teorias de Moda – no âmbito dos processos de construção da aparência – e das teorias de Desenho – no tocante aos modos de ratificação da existência num processo de reestruturação das formas no Redesenho – como um suporte dos estereótipos, convenções e imposições sociais sobre o corpo humano, em especial sobre a figura feminina. A sua imagem visual é ao mesmo tempo uma ruptura de padrões, no que se refere à ação da travestilidade, ao mesmo tempo em que gera um documento do formato de feminilidade instituído socialmente.

Travestilidade é um termo que se refere à ação de tornar-se ou ser uma Travesti. Referimo-nos a tais indivíduos no gênero feminino como uma forma de coadunar com uma das atuais discussões do movimento transgênero brasileiro, que consiste em sugerir que se identifique o gênero da pessoa a partir da sua aparência, seja ela feminina ou masculina, para que dessa maneira adotem termos que se relacionam da melhor maneira possível com a sua apresentação e nome escolhido.

Tentaremos compreender a estética Travesti sob a égide da dinâmica da Moda, que expressa numa imagem modos de pensar, ser e agir construídos por meio do Redesenho, quando esta modifica sua estrutura formal a partir de aparatos vestimentares, ingestão de hormônios, incisões corporais e maquiagem. Estes itens se encontram inclusos no conjunto dos processos de construção da figura utilizados por mulheres brasileiras cotidianamente, não obstante, tal prática exercida por esse grupo é recebida socialmente como um desafio a normas pré-estabelecidas e definições do que seria parecer masculino ou feminino, resultando num processo factível de exclusão social.

3.2 Moda e Vestuário Travesti

A história da moda e da indumentária sempre se valeu da oposição entre feminino e masculino, assim como a noção de sexualidade sempre se pousou sobre o binarismo ativo x passivo. LIPOVETSKY (1989) nos fala que necessariamente o surgimento da moda tem relação direta com tal secção, como vemos a seguir:

A moda no sentido estrito quase não aparece antes da metade do século XIV. Data que se impõe, em primeiro lugar, essencialmente em razão do aparecimento de um tipo de vestuário radicalmente novo, nitidamente diferenciado segundo os sexos: curto e ajustado para o homem, longo e justo para a mulher. (LIPOVETSKY: 1989: 29)

A noção de masculino mais recente se pauta numa estética minimalista, que rejeita o

frívolo ou desnecessário adicional dos acessórios, da maquiagem e das colorações diversas, embora na historicamente - em específico quando o vestuário emanava o poder de quem o utilizava, por exemplo, no século XVIII - a roupa masculina era tão ou mais pomposa que a feminina. Em muitos registros da história podemos ver que se utilizava de artifícios como enchimentos sob as meias para engrossar as pernas, acolchoados no tórax e ombro na época Gótica e no Renascimento inglês a roupa para os homens era extremamente bem trabalhada.

O enxugamento da aparência masculina frente à feminina é algo recente, cujas origens – ao menos nas camadas mais privilegiadas da sociedade – têm relação com a mudança nas suas tarefas diárias, quando de fato o homem precisa sair para trabalhar. Uma vez findados os privilégios da corte, a sua vestimenta se simplifica e se aproxima da estrutura de terno que conhecemos hoje.

Embora tal exemplo ilustre uma pequena e economicamente privilegiada parcela da sociedade ocidental, sabemos que a moda – “fenômeno essencialmente moderno e ocidental” (LIPOVETSKY: 1989) – se pauta nestes modelos. DORFLES (1990) identifica a relação da Travesti com o vestuário enquanto “objecto de amor”, como uma representação da primeira fase da libido desviada do mesmo. Rejeitando o termo “desviada” podemos de fato compreender que as peças do vestuário empreendem a ‘fase inicial’ de relacionamento da Travesti com a sua redefinida aparência.

Em conversa com Keyla Simpson, presidente da Articulação Nacional Transgênero (ANTRA), ela declara que o vestuário é o identificador da Travesti no momento da sua definição, é este que se faz entender que ela é diferente. Após tal mudança passa-se a fazer ingestão dos hormônios femininos e posteriormente da aplicação de silicone, que, segundo a entrevistada, revolucionou a identificação externa da Travesti. Após enumerar as mais comuns intervenções praticadas no grupo, ela frisa que a Travesti não está pronta nunca, pois a mudança é constante uma vez que o feminino se constrói sempre, se aperfeiçoa.

Mesmo com a voga da roupa *unissexo* no início dos anos 60 e do conseqüente desaparecimento das diferenças entre “abotoadeira virada para esquerda para mulher e para a direita no homem (...), e assim também o uso de calças com ou sem abertura anterior, que em tempos constituía uma típica diferenciação entre calças masculinas e femininas.” (DORFLES: 1990: 80), nós ainda compreendemos as diferenças marcadas entre vestuário para o homem e para a mulher. É exatamente pautada nessa diferença reconhecida socialmente que a construção da Travesti se afirma, é uma busca pela aquisição e domínio de símbolos e ícones que melhor representem a sua individualidade e a faça sentir-se mulher.

A Moda é um dos resultados da quebra da tradição nas sociedades, do início do processo de auto-observação estética dos indivíduos, que resulta no gozo da liberdade individual e na apoteose da gratuidade estética, como nos mostra LIPOVETSKY (1989) no trecho seguinte:

Sua instabilidade significa que o parecer não está mais sujeito à legislação intangível dos ancestrais, mas que procede da decisão e do puro desejo humano. Antes de ser signo de desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do

empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência. (LIPOVETSKY: 1989: 34).

Senhoras de sua condição de existência, as Travestis demonstram a própria dinâmica da Moda e o seu conceito. Não se contentam em apreciar o espetáculo dos outros e dessa maneira investem em si mesmas. Assim como a definição de Moda do autor supracitado a Travesti “tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exibir-se ao olhar do outro” (LIPOVETSKY: 1989:39). Sua personalidade é aparente, está inteira no visível. Ocupa-se de sua representação-apresentação assim como se preocupa com as dificuldades cotidianas e ações para a sobrevivência.

4 Considerações Finais

Objetiva-se nesta pesquisa saber como elas se vestem, mas antes de tudo saber ‘porque’ elas se vestem. A escolha da cor do batom, da altura do sapato, do comprimento da saia, do volume dos seios e o comprimento dos cabelos, são apenas a expressão visível de uma construção de gênero que é antes de tudo social e assim é reinterpretada na cultura travesti. O ser feminino no universo travesti é muito mais que uma aparência, vem a definir os seus modos de organização simbólica – logo a sua cultura – e apresenta-nos um suporte visível (um desenho) de uma construção que se configura ao longo de sua vida. Até onde pude apreender no contato com o grupo, não se faz uma simples transformação, ou seja, não se vira Travesti, expressa-se sua interioridade, sexualidade e cultura no seu corpo por meio do Redesenho de suas formas, texturas, contornos e especialmente do redesenho de sua ação.

Ser Travesti não se define pela quantidade de hormônio que se ingere, ou pelo volume de silicone aplicado nos seios, mas independentemente das definições corporais a Travesti é muito mais Ser do que Parecer, mas muito também Aparecer. Seu comportamento, sua visão de mundo, sua relação com o meio, enfim, sua subjetividade define sua travestilidade. É um conceito que começa no vestuário – pela origem do termo que define como vestir-se com roupas de outro sexo - e culmina no vestuário – quando sua subjetividade redesenha a sua aparência.

O que interessa a este trabalho ultrapassa o visível para tentar chegar às bases dessa aparência, deste redesenho. O que nos seduz é a possibilidade de acessar essa subjetividade e assim iniciar a compreensão sobre o que emana desse grupo em relação às definições sobre si mesmas. Mas, vale salientar, que aqui não nos interessa tal compreensão no âmbito da psicanálise, que virá a tratar o tema como psicopatologia e, além disso, devemos esclarecer que as discussões sobre sexualidade e gênero são temas transversais neste trabalho e não serão discutidos diretamente.

Agradecimentos

A CAPES. Ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, do Núcleo de Desenho e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Ao prof^o Robérico Celso e a prof^a Gláucia Trinchão, meus primeiros orientadores. Ao Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da

mesma instituição. Ao prof^o Edson Ferreira, meu atual orientador. À Associação das Travestis de Salvador (ATRAS), onde desenvolvo a pesquisa etnográfica. À Keyla Simpson, Millena Passos e Tâmara, militantes do movimento transgênero.

Referências

- [1] BARTHES, Roland. Sistema da moda. Tradução: Lineide do Lago Salvador Mosca; revisão e supervisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- [1] BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- [2] CIDREIRA, Renata Pitombo. *Os sentidos da moda (vestuário, comunicação e cultura)* São Paulo: Annablume, 2005.
- [3] DORFLES, Gillo. *Modas e Modos*. Tradução de Antônio Ribeiro. Lisboa: Edições 70. 1996.
- [4] FERRARO, Lucrecia D' Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem e leitura*. São Paulo, Nobel, 1988.
- [5] GARCIA E MIRANDA. Carol e Ana Paula de. *Moda é comunicação: experiências, memórias e vínculos*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- [6] GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro-RJ: Editora LTC. 1989.
- [7] GOMES, Luiz Vidal Negreiros. *Desenhismo*. Santa Maria – RS: editora da UFSM, 1996.
- [8] LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.